

## Na voz de uma personagem, o silêncio grita: um ser mulher!

### RESUMO

**Adriana Claudia Martins Figuera**  
[teacheradrianacm@hotmail.com](mailto:teacheradrianacm@hotmail.com)  
Universidade Federal de Santa Maria,  
Rio Grande do Sul, Brasil.

Este artigo se propõe a discutir o romance *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, e tem como objetivo verificar a representação da personagem feminina Macabéa na perspectiva dos estudos feministas. Identifica-se que a voz narrativa que incorpora o romance priva a personagem de sua feminilidade, configurando-a como apagada, de esvoaçada magreza, com ovários murchos, marcada pela indiferença que a exclui e pertencente à classe de pessoas marginalizadas. Ao construir a representação de Macabéa, Clarice Lispector, no viés do narrador Rodrigo S. M., sofre um movimento de deslocamento e, assim, reconhece o Outro, enquanto isso questiona sua tessitura e a própria existência. As categorias e elementos da análise são discutidos à luz de Butler (2016), Bourdieu (2005), Beauvoir (1967), Bakhtin (2010; 1981) e teóricos que com esses dialogam.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos feministas. *A Hora da Estrela*. Alteridade.

## A NARRATIVA DO SILÊNCIO DE MACABÉA

Na tentativa de entender o silêncio, busquei sentidos para escrever esse artigo em um processo que revela o inacabamento humano e a historicidade constitutiva que se fazem presentes na vida. Este ensaio consiste em um silêncio com vozeria que se configura no tempo e no espaço e que produz sentidos a partir de ditos e não ditos em movimento. Nesta contextura, a reflexão se dá a partir da narrativa de Clarice Lispector e da criação de um narrador homem para contar sobre o presente de Macabéa, nordestina e mulher jovem, dona de categorias imbricadas na autora de *A Hora e a Estrela*.

São as estações de passagem da própria vida de Clarice Lispector que comunicam sentidos e significados na obra, voz, silêncio e ausência de si nos contraditórios da vida de uma mulher e protagonista: Macabéa. Ela é igual à solitária, “ela era incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si mesma” (LISPECTOR, 1998, p. 24). Para narrar a presença do silêncio e de sua relação com o dizível, Clarice sai dela mesma para grafar sobre e com Macabéa, na tentativa de viver na ausência e no silêncio que, no vozejar de seu narrador homem, quem, por fim, explica: “O silêncio é tal que nem o pensamento pensa” (LISPECTOR, 1998, p. 86).

O deslocamento de Clarice Lispector acontece no viés do narrador Rodrigo S. M., quem explica sobre sua transformação e deslocamento para, enfim, reconhecer o Outro<sup>1</sup>. “A ação desta história terá como resultado minha transfiguração em outrem e minha materialização enfim em objeto” (LISPECTOR, 1998, p. 20). É no ato de escrever que o narrador sente a presença do que significa ser a Macabéa e, na busca das palavras Rodrigo S. M., também Clarice Lispector busca a si própria como pessoa nesse processo e encontro.

Portanto, Clarice Lispector (LISPECTOR, 1998, p. 19) confia ao narrador sua narrativa: “cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua”. Assim, Rodrigo S. M. apresenta Macabéa e se apresenta na narrativa, na direção de desvendar e de se aproximar dela; então, ele diz que sabe “que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. Aliás, – descubro eu agora – também eu não faço a menor falta” (LISPECTOR, 1998, p. 13).

Na perspectiva de analisar a escritura da obra através do olhar do narrador Rodrigo S. M., considero a representação da personagem feminina, Macabéa, na busca por identificar como a escritura do romance acontece e de como esse olhar atenta à mulher. Ao construir uma figura feminina apagada, opaca, cujo sofrimento instaura um espaço silente de olhar para si, Clarice Lispector denuncia, alerta e acorda o leitor a fim de que compreendamos a Macabéa de Clarice Lispector na voz da narrativa de um homem, de Rodrigo S. M.

No romance *A Hora e a Estrela*, o narrador é criado por uma mulher e autora para que este, na sua condição de homem, possa investigar a categoria feminina sem sentimentalismos, como uma das extraordinárias formas para apresentar sua protagonista. O narrador declara: “até o que escrevo um outro escreveria. Um

outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas” (LISPECTOR, 1998, p. 14).

Contudo, Rodrigo S. M. alerta que é passível do sentimento de angústia, medo, receio, dor ao escrever sobre a nordestina; logo, ele anota: “Com esta história vou me sensibilizar” (LISPECTOR, 1998, p. 16). Neste sentido, a tessitura da obra é uma ação que tem nas palavras, o meio para possibilitar o reconhecimento do Outro, uma mulher. Logo, só com o Outro podemos e, desse modo, existimos. Um vez que construímos nossa identidade com o Outro, “podemos abraçar, envolver de todos os lados, apalpar todos os seus limites” (BAKHTIN, 2010, p. 38).

Nesse sentido, a escritura do romance é uma ação transformadora, um processo de criação que nos possibilita estudarmos o universo feminino, e consiste na oportunidade de apreendermos quanto ao lugar que ocupamos no mundo, pois reconhecer o Outro é condição para que o guardemos nos corações e nas nossas mentes. A partir do objetivo que se inscreve neste ensaio, vale informar que este adota o aparato conceitual que tem como base os estudos de Butler (2016), Beauvoir (1967), Bakhtin (2010; 1981), Bourdieu (2005), entre outros que, das leituras desses, dialogam.

Com este pensamento encharcado da consciência das minorias de homens e mulheres que sofrem face à sociedade impregnada de discriminação e da ausência de alteridade, o ensaio versa a partir da reflexão teórico-analítica, considerando, portanto, fragmentos do romance *A Hora da Estrela* à luz e aos cuidados da teoria enunciada. Desse modo, as questões que tangenciam o gênero, a representação da personagem feminina e o processo de tessitura da obra, com o deslocamento altruísta da autora e seu narrador estão presentes na discussão que segue.

Assim, instigada pelo reconhecimento das vozes que interagem com a autora do romance, busco enxergar enquanto leitora e apreender, na e com a literatura, por ser esta a possibilidade de nos humanizarmos (CÂNDIDO, 2006). Adentro a história de uma alagoana retirante, perdida na própria trajetória de seus dezenove anos: Macabéa. Um ser improdutivo no passado e, de mesmo modo, improdutivo... Quanto ao futuro<sup>2</sup>.

## REFLEXÃO: AS TEORIAS FEMINISTAS E A OBRA A HORA DA ESTRELA

Na tentativa de se chegar à personagem Macabéa, considero a autora da obra, Clarice Lispector, no viés de seu narrador, pois é este que nos conta a história da nordestina, e do também nordestino Olímpico de Jesus. A tessitura do romance está impregnada de sentidos que nos movimentam na direção da compreensão da personagem feminina e de suas relações, as quais respingam nas nossas vidas, mulheres e homens leitores de *A Hora da Estrela*. A identidade de Macabéa perpassa pela tessitura de um organismo que é social, irrigado de preconceito, de ordem patriarcal e, por longa data, machista.

A possibilidade de costurar os ditos à teoria é uma escolha que me arrisco, verdades e mentiras que assumo a partir das relações de sentido que me permitem significar a partir da obra, bem como a partir de minha posição como mulher e sujeito. Assim, costuro com pieguices ou não este ensaio, com base no corpo e gênero de uma mulher chamada Macabéa, dominada pela estrutura social, faminta de respostas face a Olímpico, destemido e namorado de semelhante procedência. O narrador orienta o leitor acerca de seus personagens:

Macabéa, ao contrário de Olímpico, era fruto do cruzamento de “o que” com “o que”. Na verdade ela parecia ter nascido de uma ideia vaga qualquer dos pais famintos. Olímpico pelo menos roubava sempre que podia e até do vigia das obras onde era a sua dormida. Ter matado e roubado faziam com que ele não fosse um simples acontecido qualquer, davam – lhe uma categoria, faziam dele um homem com honra já Lavada. (LISPECTOR, 1998, p. 58)

Nesta relação binária, é possível identificar que Clarice Lispector problematiza a oposição, mas não o faz inocentemente. Assim, ela organiza a obra para acordar o leitor face às manifestações de poder e à manutenção das relações produzidas e reproduzidas na estrutura social, que consideram a mulher como um resto aproveitável ao seu macho. Butler (2016, p. 8) indica que há um “fardo dos ‘problemas de mulher’, essa configuração histórica de uma indisposição feminina sem nome, que mal disfarça a noção de que ser mulher é uma indisposição natural”.

As marcas em Macabéa são marcas culturais em um ser que se configura a partir do imposto e pré-determinado socialmente. Ainda que a respeitemos como um ser que não é produto biológico, Macabéa é a ausência da consideração da humanidade face ao Outro, um ser social que, infelizmente, foi configurado entre o macho e o feminino (BEAUVOIR, 1967).

Ao construir a representação de Macabéa, o narrador priva a personagem de sua feminilidade, configurando-a como apagada, de esvoaçada magreza, com ovários murchos, marcada pela indiferença que a exclui, sujeito pertencente à classe de pessoas marginalizadas (LISPECTOR, 1998). A protagonista de Clarice Lispector é uma mulher que sofre preconceito, agressão, tem sua voz abafada, valores que em sua personagem estão implicados no valor de tantas Outras mulheres, tantas Macabéas do e no Brasil. Por conseguinte, este é o retrato de um mundo feminino reprimido, mas que, apesar disso, ainda se movimenta na busca de sonhos inerentes ao ser mulher.

Na representação da figura de Macabéa, a mulher é inferior e excluída em relação ao mundo do homem e de outras mulheres. Logo, os princípios que regem o comportamento, o corpo e a identidade estão relacionados à máquina social que sustenta esta configuração (BOURDIEU, 2005). O homem é também produto da submissão, a imposição masculina e a sociedade patriarcal atingem o homem, potencializam e determinam a virilidade necessária. Submetidos, portanto estão, homens e mulheres para um comportamento dito como natural, incorporado ao normal.

Clarice Lispector traz Rodrigo S. M. para problematizar a posição deste sujeito masculino no reconhecimento de uma mulher. Paradoxalmente, ironia e alteridade na humanidade que se apresentam no texto, ao leitor, a Nós, a mim. No contexto de uma sociedade eclesiástica, a consciência histórica sobre a vida e pensamento da mulher foi apresentada nas escrituras literárias, por homens e por longa data.

Clarice Lispector não deixa que a voz de Macabéa não seja ouvida, assim, a autora dá voz a quem precisa se pronunciar, o ser e sujeito mulher. É assim que o leitor tem uma oportunidade singular e múltipla, sem pieguices, sem lágrimas, de adentrar a história de Macabéa e vivenciá-la na perspectiva de um narrador de gênero masculino que acolhe uma mulher. Neste viés, com Butler

questiono: “que configuração de poder constrói o sujeito e o Outro, essa relação binária entre “homens” e “mulheres”, e a estabilidade interna desses termos?” (BUTLER, 2016, p. 8). Clarice Lispector é capaz de jogar nesta relação binária, é capaz de se transfigurar, escrever sem mentir, criar um narrador e dizer o seu dito na narrativa dele. Além disso, manifestar a voz de uma Macabéa, mulher igual a Ela.

Essa escolha de Clarice Lispector explicita acerca do mundo masculino, seu olhar, limitações quanto à sensibilidade e à emoção que Clarice desmonta e permite que seu narrador homem confesse sua ruptura com o pensamento masculino. Rodrigo S. M. prescreve acerca de sua descoberta enquanto Macabéa se olha no espelho, descobre sua identidade, nas cores, na figura, no corpo que reflete a vida da moça. Neste sentido, Rodrigo S. M. (LISPECTOR, 1998, p. 22) conta: “Vejo a nordestina se olhando no espelho e – um rufar de tambor – no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo”.

Identificamos que a identidade e a alma são do próprio narrador, quem busca sua razão de ser para, então, se reconhecer. Transfiguração, transformação e reestruturação de valores conforme a passagem da vida de uma pessoa, de um humano que se organiza. Rodrigo S. M. toma uma posição de um Outro, um ser que é mulher, por quem ele se comove e toma consciência da sobrevida que a envolve.

## **A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO, O ADESTRAMENTO E O MUNDO DO TRABALHO**

A representação da personagem feminina Macabéa, nordestina que tinha o sonho de ser estrela de cinema, é tecida ainda na sua criação, portanto, quando da narrativa da criação da personagem, na passagem sobre a tia beata que a educou, após a morte dos pais. Na história identificamos como é tratada a protagonista, o narrador afere que era com os “cascudos no alto da cabeça” (LISPECTOR, 1998, p. 28). Marcas que explicitam como Macabéa é formada, nas condições de um ser perdido.

Macabéa ao se expressar revela obediência à tia, autora da punição e repressão contra a protagonista, mas, pasmem, o que mais doía para Macabéa era ser privada de seu doce favorito. Desta relação com a parenta, Macabéa sentia a dor da privação quanto ao que ela desejava. “[...] o que doía mais era ser privada da sobremesa de todos os dias: goiabada com queijo, a única paixão da sua vida. Pois não era que esse castigo se tornara o predileto da tia sabida?” (LISPECTOR, 1998, p. 28). Macabéa ouvia o rádio relógio e colecionava anúncios. O adestramento da moça era fonte de prazer à sua tia, quem desejava frear a sensualidade e os ímpetos da jovem. Para a protagonista, as pancadas da tia eram passíveis de se acostumar: a dor passava.

Em A Hora da Estrela, a protagonista perde seu vínculo familiar, sem propósito definido arruma um emprego de datilógrafa, ainda que mal soubesse ler e escrever. O narrador explica que Macabéa (LISPECTOR, 1998, p. 15) “devia ter ficado no Sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra – a tia é que lhe dera um curso ralo de como bater à máquina”.

Tal discussão faz-nos recorrer à obra de Beauvoir. A autora (1967, p. 449) explica que foi “pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta”. Rodrigo S. M. lembra o leitor de que Macabéa (LISPECTOR, 1998, p. 15) “ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa”.

Beauvoir (1967) discute a independência feminina, enfatizando a condição do trabalho. Na visão de Beauvoir, a independência, no que tange ao setor financeiro, é um dos agentes contribuidores para a libertação da mulher. Essa que nada mais representa do que a limpeza e manutenção do lar:

[...] o trabalho que a mulher executa no interior do lar não lhe confere autonomia; não é diretamente útil à coletividade, não desemboca no futuro, não produz nada. Só adquire seu sentido e sua dignidade se é integrada a existências que se ultrapassam para a sociedade, na produção ou na ação. (BEAUVOIR, 1967, p. 209)

Tal papel conferido à mulher, como feliz e satisfeita com as tarefas domésticas, surge sempre como tradicional e correto, longe de abordar outras incursões da mulher fora do lar. Vale destacar que o mundo do trabalho também adestrou a mulher e, com a personagem Macabéa fica explícita esta condição e violência, a inferiorização e a miséria de uma mulher diante do que a sociedade toma como parâmetro de valor para este contexto.

A realidade de Macabéa é de uma mulher que não teve oportunidade de estudo, mas teve sim, uma educação indiferente, limitada face ao desafio do mundo masculino e do trabalho. Assim configura-se o universo feminino, um desafio àquelas cuja condição de vida estava voltada ao mundo doméstico, lugar privado, restrito à instrução, submetido ao seu marido/homem. Fatores sociais que engendrados conforme o interesse do homem e geram violência à mulher, esta que corre da cilada que se organizou com e de encontro a ela. Vale sublinhar que esta organização contra a vida e independência da mulher consiste na tradição, no modelo arranjado socialmente e que postula acerca da mulher honesta e do pátrio poder.

Todavia, a significativa e atual inclusão da mulher no mundo de trabalho e os movimentos feministas da década de 1980 permitiram e pressionaram para que a lei se reconfigurasse na perspectiva da igualdade de gêneros. Neste sentido, Butler (2016) afasta da discussão sobre gênero o que se tem como ideia de que este decorreria do sexo. A autora (2016, p. 27) considera a distinção sexo/gênero como arbitrária e diz: “Talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma”.

Assim, a partir desta postura, vale destacar que algumas conquistas iniciaram-se ainda com a Revolução Industrial, mas a mudança de paradigmas é considerada cultural e está enraizada na história. Por conseguinte, é ainda um movimento arrastado, o qual não atende às necessidades emergentes da mulher no dia a dia e na atualidade. Quando ouvimos a vozeria de Macabéa, essas necessidades afloram na vida de cada mulher, latentes explicitam uma emergente conscientização e importância. No corpo de Macabéa, as marcas de sua trajetória de retirante, cuja vida está implicada na história de vida de Clarice Lispector, quem, com Rodrigo S. M. desloca-se para olhar e ver Macabéa.

## O DESLOCAMENTO DO NARRADOR E A TESSITURA DA OBRA

No cronotopo da linguagem que não explica a vida, mas se ausenta, apresenta-se na incapacidade de dizer sentimentos e pensamentos em palavras, quando não há voz, então, no silêncio fica implícito o fracasso da linguagem. O que atormenta o narrador é a palavra, pois esta deve ser escolhida com cuidado, a fim de que possa dar corpo à personagem. Em *A Hora da Estrela*, Rodrigo S. M. afirma que “Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas” (LISPECTOR, 1998, p. 19).

O narrador, na tentativa de sair deste espaço impossível de intelectual burguês, dá voz à silenciada Macabéa. O silêncio de Macabéa instiga o narrador à transcendência, ao diálogo. Rodrigo S. M. reclama:

Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. E ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama. Estou com raiva. Uma cólera de derrubar copos e pratos e quebrar vidraças. Como me vingar? Ou melhor, como me compensar? Já sei: amando meu cão que tem mais comida do que a moça. Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce e obediente. (LISPECTOR, 1998, p. 26)

Com o narrador, observamos outras vozes no romance, além de Macabéa e seu namorado Olímpico, há, portanto, consciências presentes e vozes na narrativa. A polifonia de vozes no romance, assim concebida, remete a obra às particularidades que Bakhtin (2010) foi capaz de acrescentar à teoria, pois com os estudos que ele deixou, é possível pensarmos a existência hu-mana de modo singular e único e o gênero literário, de modo plural em possibilidades de sentido e significado. Para Bakhtin (1981, p. 223), “o diálogo, por essência, não pode e não deve terminar”. Com essa afirmação, o autor confere ao diálogo o dialogismo<sup>3</sup> em seus estudos sobre Dostoiévski, o autor apresenta os díspares pontos de vista no enunciado, pois explica que a consciência do Outro é que possibilita ao autor se relacionar, dialogicamente.

Rodrigo S. M. (LISPECTOR, 1998, p. 33) expressa o conhecimento que tem face à Macabéa: “Devo dizer que essa moça não tem consciência de mim, se tivesse teria para quem rezar e seria a salvação. Mas eu tenho plena consciência dela: através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida”. Ao construir a representação de Macabéa, o movimento de deslocamento de Clarice Lispector fica explícito no viés do narrador Rodrigo S. M. e com esta posição de narrador, ele desvenda Macabéa para o leitor, assumindo-se também incompleto sem o Outro, sem a protagonista, ainda que ela seja uma pessoa que não faria falta.

Macabéa, aquela que seu narrador priva da feminilidade, é acompanhada por seu narrador desde sua vinda do sertão nordestino para o Rio de Janeiro, na esperança de ter uma vida melhor. Mas, isso não acontece, e ela divide um quarto “com mais quatro moças balconistas das Lojas Americanas” (LISPECTOR, 1998, p. 30), trabalhando como datilógrafa e sobrevivendo na solidão. Vozes de uma personagem, deslocamento de um narrador, silêncio na autoria que grita a vida. Há silêncio para ser lido em *A Hora da Estrela*, sentidos que ficam em uma e mais leituras, quando a literatura é a possibilidade de se tornar um produto com vozeria, abarrotado de consciência social.

No que tange ao cronotopo da história, o tempo da narrativa traz alguns feedbacks, mas este é, essencialmente, um romance com tempo linear e



cronológico. Ainda que não seja possível identificar o ano exato, provavelmente a obra tenha sido escrita entre os anos de 1960 e 1970. Nesta contextualização, Watt (1990, p. 22) corrobora esclarecendo que “as personagens do romance só podem ser individualizadas se estão situadas num contexto com tempo e local particularizados”.

Vale destacar a existência de um fio condutor que leva o leitor à busca de sentido enquanto Clarice escreve de si para si no presente introspectivo de sua vida; ela faz, portanto, a metaliteratura: “Quero acrescentar, à guisa de informações sobre a jovem e sobre mim, que vivemos exclusivamente no presente [...] (LISPECTOR, 1998, p.18). Este tempo presente da narrativa, em primeira pessoa, é realizado por um narrador onisciente. Narrador este que discute a palavra que usa. Ele diz (LISPECTOR, 1998, p. 14): “sim, mas não esquecer que para escrever não-importa-o-quê o meu material básico é a palavra. Assim é que esta história será feita de palavras que se agrupam em frases”. Frases que me inquietam neste ensaio e que justificam o olhar de um narrador e sua reflexão, um estudo do romance na perspectiva de ouvir a voz na e da narrativa.

Na tessitura da obra, observa-se que há o movimento de deslocamento de Clarice Lispector no viés do narrador Rodrigo S. M. Um movimento que é altruísta na autora, pois esta considera o corpo e a existência de sua protagonista (BOURDIEU, 2005). Este deslocamento revela-se no processo de escritura de *A Hora da Estrela*, enquanto Clarice Lispector impõe que Rodrigo S. M, seu narrador, deixe claro acerca do papel social e da existência humana como os temas de seu romance, quando indaga sobre os valores da sociedade moderna e sublinha acerca dos laços que podem juntar a história à narrativa.

Neste sentido e quanto ao romance de Clarice Lispector, este se ajusta ao tempo e momento de vida da autora, a vida que está imbricada à narrativa. Há sentidos, os quais agregam valor para além da forma e desses e o fazem com sensibilidade. Clarice Lispector assim se manifesta na temática social que, de certo modo, conservar-se em estado de latência sob a máscara da ficção.

Sua narrativa contempla a história de emigrantes e nordestinos. Com a protagonista Macabéa, Clarice Lispector endereça o rumo da vida de uma personagem analfabeta, moradora da capital, sob condições de pobreza e descaso, trajetória contada por um narrador-personagem, homem que, entre goles de vinho branco se desloca e, aos poucos, aproxima-se com as lentes de um narrador, para poder contar sobre Macabéa.

Este é um narrador que questiona a própria existência e papel enquanto escritor, ao minutar, se embravece porque precisa narrar a vida de uma datilógrafa, marginalizada e inconsciente. Macabéa é seu desafio, por quem ele hesita ao escrever, ela consiste no motivo pela qual ele questiona o próprio objeto a que se propõe na literatura. No processo de criação de seu texto, o narrador profere acerca do ato de escrita, na tentativa de melhor fazer a representação da personagem feminina, refletindo sobre este movimento, que se apresenta imbricado de sentidos e de significados.

O narrador Rodrigo S. M. é quem se coloca face à Macabéa, assim como Clarice Lispector se põe, na perspectiva de uma Clarice que não pudesse ser ela mesma, mas precisasse ser. Este contraditório justifica-se na narrativa e na vida, não apenas de Macabéa, mas também e, exclusivamente, na vida de Clarice Lispector.



Por meio da metalinguagem, a autora evidencia seu estilo e reflete o processo de escritura literária.

Desse modo, pode-se apreender que narrar é escrever a própria existência, as fronteiras e os limites de si representados e exteriorizados. Narrar, um romance ou outro gênero, é grafar palavras de valor que se ajustam aos contextos de um mundo moderno e seus múltiplos significados. Clarice Lispector usa do recurso autoral para revelar sua personagem, para revelar uma excluída e, praticamente, uma anônima protagonista. Uma heroína que neste perfil é criada para servir de indagação de Clarice Lispector acerca dela mesma, um deslocamento que implica no encontro consigo, na medida em que reconhece o Outro.

Na autoria de Clarice Lispector há a tentativa de sair de si na direção do encontro com o Outro, quem a constitui, por quem ela precisa enunciar e até ser. Rodrigo S. M. é o seu mediador e, simultaneamente, é autor e personagem, conforme o fragmento da narrativa explicita “- determino com falso livre-arbítrio – vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro” (LISPECTOR, 1998, p. 12-13). Mas, este narrador enfrenta obstáculos no percurso da construção de sua história, pois não tem, de fato, o domínio sobre as questões existenciais de sua protagonista, ela é um Outro que exige do narrador.

Rodrigo S. M. está em dúvida se saberá narrar Macabéa, porque ela o desafia, deixando-o no dilema, um ser impossibilitado de narrar sobre o que sente sua personagem e sobre a identidade desta. Então, ele busca se aproximar de Macabéa, ainda que a exclua. O narrador volta-se para o próprio ato criativo e traça um discurso sobre a tessitura do texto e sobre o próprio processo de criação.

Como enunciar o Outro? Esta é a grande questão de Rodrigo S. M., ele diz: “[...] não sei o que me espera. Tenho um personagem buliçoso nas mãos e que me escapa a cada instante querendo que eu o recupere” (LISPECTOR, 1998, p. 22). Este deslocamento é muito para o narrador, e ele descamba na tentativa de reconhecer aquela que está à margem da sociedade. Nesta perspectiva de narrar Macabéa e sua vida, o narrador não tem como enfeitar sua heroína e precisa fazer o texto, porém este se inscreve enquanto o narrador busca superar o enigma.

A distância entre Rodrigo S. M. e Macabéa é estabelecida pela classe social e pelo conhecimento e realidade de vida dele, tão distinto da personagem e mulher. O narrador é um homem e intelectual, enquanto Macabéa, mulher, pertence à classe popular. Logo, Rodrigo S. M. mostra-se inquieto e incapaz de narrar sua personagem sem mentir.

A consciência do narrador está distante da realidade da protagonista porque ele enuncia de um lugar outro, não comum para Macabéa, quem é engolida pela cidade grande. A história que o narrador traz consiste de um material “parco e singelo demais, as informações sobre os personagens são poucas e não muito elucidativas, informações essas que penosamente me vêm de mim para mim mesmo, é trabalho de carpintaria” (LISPECTOR, 1998, p. 14).

## **NA TESSITURA, A POSSIBILIDADE DA IRONIA E DA ALTERIDADE**

O revogar acerca do discurso literário é um posicionamento crítico que demonstra a consciência do não diálogo entre os distintos de gênero e classe social, assim, o narrador denota estar ciente da exclusão social quando afirma:

“Sim, não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim.” (LISPECTOR, 1998, p. 18-19).

O narrador ainda esclarece: “Se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente. Faço aqui o papel de vossa válvula de escape e da vida massacrante da média burguesia” (LISPECTOR, 1998, p. 30).

Assim, Clarice Lispector vai tecendo acerca da representação limitada e das restrições da própria escrita, a qual se exhibe às avessas dos marginalizados. Em *A Hora da Estrela*, Clarice Lispector evidencia certa intolerância no que tange à representação estética de sua obra, pois esta não representa, de fato o que precisaria representar. A atitude interrogativa, no que tange à escrita que realiza e à literatura, cunha uma arte autônoma de Clarice Lispector, arte que a inscreve no grupo de romancistas que procuravam apreender por meio de uma postura autoquestionadora acerca do próprio ofício.

O narrador arrisca-se na narrativa de uma engrenagem social que, por vezes, impede a inclusão de Outros, porque esses seriam diferentes, assim o narrador Rodrigo S. M. representa a indignação materializada em rancor quando o centro da narração são os percalços da semianalfabeta que nada lê, que nada sabe. É o narrador quem precisa escrever e quem se questiona no ato da escrita e diz que escreve, “não por causa da nordestina, mas por motivo grave de força maior, como se diz nos requerimentos oficiais, por força de lei. Sim, minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem das grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite” (LISPECTOR, 1998, p. 18).

Contudo, o narrador desloca-se para se aproximar e compreender a sua personagem e, é neste movimento altruísta que Rodrigo S. M. (LISPECTOR, 1998, p. 22- 23) deixa-nos saber sobre sua reflexão. Segundo ele:

Para desenhar a moça tenho que me domar e para poder captar sua alma tenho que me alimentar frugalmente de frutas e beber vinho branco gelado, pois faz calor neste cubículo onde me tranquei e de onde tenho a veleidade de querer ver o mundo. Também tive que me abster de sexo e de futebol. Sem falar que não entro em contacto com ninguém.

A escolha das palavras do narrador foi submetida à imagem da protagonista, assim a própria narrativa é o silêncio que grita na emudecida Macabéa. O narrador (LISPECTOR, 1998, p. 19) vai além e diz: “para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras para dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr no nível da nordestina”. Há deslocamento e uma possível alteridade no nível da escrita do narrador.

Rodrigo S. M. coloca-se em equivalência, sua personagem e ele, deixando de cuidar da própria aparência e higiene para reproduzir e espelhar a situação e o lugar de Macabéa. Deslocamento inerente àquele que se responsabiliza para assumir o Outro, reconhecendo-o na sua dor e necessidades. O narrador toma o texto como instrumento medeador entre ele e Macabéa, logo, ele se absteve dos prazeres da vida ordinária e da literatura para “não contaminar com luxo a

simplicidade de minha linguagem” (LISPECTOR, 1998, p. 23). A simplicidade da imagem feminina de Macabéa exige que ele se incline até ela, que ele a valore, um ser mulher d lugar de onde ela está.

Portanto, a tomada de consciência é o que nos permite olhar o espaço do Outro como alguém que nos implicamos e que está implicado conosco. Para que este movimento de alteridade aconteça, implica que nos sintamos livre e que nos responsabilizemos com o Outro, na condição de uma relação de comprometimento.

Na busca de si, Clarice Lispector apresenta a possibilidade de um romance único, a angústia vivenciada pelo seu narrador ao tentar representar a sua personagem mulher consiste, não somente no movimento de criação e escritura do romance, mas no cronotopo de transcendência e de tomada de consciência.

### **À GUIA DE [IN]CONCLUSÕES**

Diante do romance *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, busquei verificar a representação da personagem feminina Macabéa na perspectiva do social e dos estudos feministas. Ao construir a representação de Macabéa, Clarice Lispector, no viés do narrador Rodrigo S. M., sofre um movimento de deslocamento e possibilita ao leitor refletir e reconhecer o Outro enquanto ela, autora, questiona sua escrita literária e a própria existência.

Identifica-se que a voz narrativa que incorpora o romance priva a personagem de sua feminilidade. Contudo, ao construir a representação de Macabéa, Clarice Lispector (seu narrador Rodrigo S. M.) sofre um movimento de deslocamento, alteridade, questionamentos acerca de si e reconhecimento do Outro.

O movimento de incerteza e do não convencimento geral são mobilizadores para que se sobreviva face à ideologia, esta criadora de um discurso que a sociedade compra e passa a defender, gente alienada que somos, imersos de ideias prontas, a exemplo de Macabéa. Porém, esta é a protagonista que, ironicamente, é quem nos acorda e nos sacode, enquanto vive a própria morte para nos representar.

O fluxo de consciência é a proposta de Clarice Lispector na escritura, e ela sustenta a dialogicidade entre autor, narrador e leitores, de modo que a estrutura discursiva é enriquecida no contínuo do processo reflexivo. Silêncio e vozeria de uma mulher que atravessam o leitor. Na análise está o oculto e sob palavras, o silenciamento de vozes que seguem e que dizem, ainda que sejam um raro entusiasmo, sejam vida e morte. É, portanto, nas marcas em e de Macabéa, de sua formação e comportamento face ao contexto da narrativa que vislumbro na reflexão seguir por entre textos e na vida.

## On a character's voice, the silence screams: a woman being

### ABSTRACT

This article proposes to discuss Clarice Lispector's novel *The Hour of the Star* and it aims to verify the representation of the female character, Macabéa, in the perspective of feminist studies. It is identified that the narrative voice that incorporates the novel deprives the character of her femininity, configuring her as obliterated, fluttering thin, with withered ovaries, marked by the indifference that excludes her and belongs to the class of marginalized people. In constructing the representation of Macabéa, Clarice Lispector, in the way of the narrator Rodrigo S. M. undergoes a movement of displacement and, thus, recognizes the Other, while it questions its texture and existence of herself. The categories and elements of the analysis are discussed in the light of Butler (2016), Bourdieu (2005), Beauvoir (1967), Bakhtin (2010, 1981) and theorists who dialogue with them.

**KEYWORDS:** Feminist studies. *The Hour of the Star*. Otherness.

## NOTAS

<sup>1</sup> A tessitura da palavra Outro com letra maiúscula neste ensaio explicita minha posição como aprendiz e pessoa, deslocamento que também eu sinto a necessidade de fazer na relação com o Outro, quem considero personificado e no centro da relação que imprime a necessidade e a oportunidade da tomada de consciência; logo é a posição axiológica e compromisso do encontro com o Outro que também eu, autora deste ensaio, tenho.

<sup>2</sup> Título sugerido por Lispector (1998).

<sup>3</sup> A partir dos estudos bakhtiniano entendo por dialogismo o princípio da linguagem que considera todo discurso como constitutivo de outros discursos, suscitando diferentes relações de sentido.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec /Annablume, 2010.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoievski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1981.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1967.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CANDIDO, Antônio. **Ficção e confissão**. 3. ed., Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**. Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: Schwarcz Ltda, 1990.

**Recebido:** 29 out. 2017

**Aprovado:** 29 05. 2019

**DOI:** 10.3895/rl.v21n33.7238

**Como citar:** FIGHERA, Adriana Claudia Martins. Na voz de uma personagem, o silêncio grita: um ser mulher! *R. Letras*, Curitiba, v. 21, n. 33 p. 30-43, jan./jun. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

